



Peregrinação

«Quem muito viu, sofreu, passou trabalhos
[...]
E andou terras e gentes
[...] será sempre sem pátria»





DE ROMARIAS, PEREGRINAÇÕES E OUTRAS VIAGENS

Francisco Ferreira de Lima*

Mais de um século antes do nascimento do Infante D. Henrique, que só ocorrerá em 1394, a palavra *viage* já fizera sua aparição na língua portuguesa, vinda do latim, via provençal, como ensina Pedro Machado (1990). Mas não fez sucesso imediato. O português já contava nessa época com muitas possibilidades para dar conta da idéia de deslocamento de um ponto a outro, tais como *caminho*, *carreira*, *via* ou *jornada*.

Além disso, ainda que sua origem remota fosse *via*, *viage* derivava de *viaticum*, que significava não o deslocamento em si, mas tão-somente aquilo que o viajante leva consigo como suporte para enfrentar as agruras da distância, fossem provisões, fosse dinheiro. Se os modos de caminhar eram os mesmos; se no caminhar o que importa é o caminho e não o que o caminhante leva consigo, não havia porque utilizar uma nova palavra para definir o que definido estava. Era o que parecia fazer crer o desprezo que a nova palavra haveria de sofrer.

Com a prática efetiva das viagens transoceânicas, o vocábulo começou a granjear uma pequena margem de sucesso. Todavia, ainda que seja possível encontrá-lo de modo residual em uma ou outra narrativa, como na *Crônica dos feitos de Guiné*, de Zurara, ou no *Itinerário...* de Mestre Afonso¹, seu uso é claramente localizado.

Já com o sentido que mantém hoje, a palavra passou a ser utilizada em alguns poucos roteiros de navegação. É possível encontrá-la, como informa Magalhães Godinho (1990: 529), nos «roteiros da carreira da Índia» de Vicente Rodrigues e Aleixo da Mota, por exemplo, nos quais já é normalmente empregada.

Não é por acaso, entretanto, que sua difusão começa a se dar por um viés eminentemente técnico. Isto assim acontece porque uma nova maneira de caminhar foi inventada. E cada nova invenção depende de uma outra, simultânea, que se realiza no interior da linguagem, na qual se inventa um nome para aquela invenção, com que se pretende circunscrever o novo significado dali surgido. Mudaram os caminhos e mudaram as maneiras de percorrê-los; os nomes, com naturalidade, acompanham a mudança. É esse, desde que ela existe, o dever da linguagem.

Trilhar caminhos, agora, não é apenas caminhar. É, muito além disso, uma operação que implica fatores complexos e diferenciados, que envolvem cálculos (mais ou menos) precisos, grande capacidade de observação e registro (mais ou

*Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana.

menos) pormenorizado da coisa observada. Para realizar a *viagem*, pois, há que dominar certos saberes, os quais fixarão as coordenadas de tempo e espaço para seu desenvolvimento. É essa a condição básica para que o empreendimento alcance o objetivo desejado. Porque, nessa nova modalidade de deslocamento, o saber garante não só a ida, mas a volta e a vida.

Entretanto, nem só de saber técnico foram feitas as descobertas. Embora *viagem* já começasse a se firmar nos roteiros de navegação, as outras modalidades de escritura do século XVI passaram ao largo daquela novidade. Como se nada houvesse acontecido, mantiveram em uso aquelas antigas palavras.

E, mais que isso, popularizaram uma nova, tardiamente introduzida no léxico, *itinerário*, que apareceu em português nesse mesmo século XVI. Se se tomarem apenas três dos mais importantes relatos de viagens daquele século, os de Antonio Tenreiro, Mestre Afonso e frei Pantaleão de Aveiro, há de notar-se que todos são denominados *Itinerário*. E, no caso dos dois primeiros, não se requer informação adicional, pois ao nome *Itinerário* se segue apenas aquele do itinerante. Tratava-se na verdade de um nome novo para uma antiga maneira de viajar.

Com efeito, o que caracterizava basicamente o *itinerário* era o fato de a viagem ser feita quase sempre por terra, a não ser em casos excepcionais, que se reduziam geralmente a travessias conhecidas no Mediterrâneo, Mar Vermelho e mais raramente no Golfo Pérsico, o que, já se vê, eliminava quase todo o aparato técnico que a viagem por mar exigia.

Guardadas as diferenças próprias dos tempos, esses itinerários eram, na prática e na teoria, parentes bastante próximos daqueles relatos feitos no século XIII por pioneiros, como os missionários Pian Carpino ou Guilherme de Rubruck, que atravessaram a Ásia em demanda do Catay, com o objetivo de descobrir a que categoria, se à dos homens, se à dos monstros, pertenciam os tártaros, um dos muitos terrores da Cristandade naqueles tempos. Isso quer dizer que o saber técnico que se ia acumulando naquelas outras formas de viajar em nada – ou quase nada – modificava essas andanças por terra.

Mas, ainda que *itinerário* fosse bastante popular para dar nome àquele tipo de relato – hábito que atravessou o século XVII –, uma outra palavra a ultrapassava em prestígio e popularidade: *peregrinação*. De fato, no século XVI, essa era a palavra mais popular para designar uma longa viagem e suas implicações. Tão popular que relegou *itinerário* praticamente ao título do relato.

E não é difícil entender o motivo do sucesso de *peregrinação*. O tempo, com suas novas vontades, passou a exigir uma palavra que revelasse com precisão as muitas facetas daquelas novas viagens. *Peregrinação* foi a palavra escolhida. Ela passou assim a funcionar como uma espécie de palavra-síntese, que ultrapassava todas as suas vizinhas de significado semelhante e acrescentava dois elementos fundamentais: exprimia a idéia de imersão no estrangeiro absoluto, por um lado, e enfatizava, por outro, um significado de fundo religioso, bem a gosto daquele

século tão temente a Deus. Tais aspectos, nenhuma daquelas outras palavras eram capazes de cobrir, nem mesmo aquela de apelo técnico, *viagem*, que começava a se firmar nos roteiros de navegação.

Se se tomar, por exemplo, como modelo de comparação a palavra *romaria*, sua assemelhada, *peregrinação*, surge relativamente tarde na língua portuguesa. Aquela já está inscrita no léxico desde o século XIII, enquanto *pelegrinagee*, a ancestral de *peregrinação*, só vai ser registrada em 1440, de acordo com Pedro Machado (1990).

Havia uma clara razão de ser para que isso assim ocorresse. Embora uma boa parte dos lexicógrafos se tenha habituado a tomá-las como equivalentes, todos marcam uma sutil diferença que elas guardam entre si, já deliciosamente percebida pelo autor ou autores de um vocabulário castelhano do século XV, ainda segundo o mesmo Pedro Machado (1990):

Romeros y romerías deçimos, por aquellos que visitan los lugares sanctos. Y porque despues de Hierusalem, el principal romeraje es Roma, son dichos romeros; que Hierusalem se dize peregrinos e peregrinaje, por estrañeza de la tierra.

Romaria e peregrinação, por conseguinte, estão separadas pela estranheza da *terra*. A primeira é uma simples viagem a um lugar santo, sem nada que desvie a atenção do viajante entre o ponto de partida e o de chegada. O caminho é tão-somente um pequeno obstáculo que separa o romeiro de seu desejo. Daí que o verbete a ela dedicado por Morais (1961) em seu dicionário, nas duas primeiras entradas, a defina como «peregrinação religiosa» e «jornada de pessoas devotas a um lugar sagrado ou de carácter religioso».

Ao contrário da primeira, a segunda tem como definitivo apenas o ponto de partida, porque entre este e o de chegada há uma tão grande quantidade de desvios que por vezes ofuscam completamente o último, como bem se pode ver no sentido que Morais lhe atribui na definição de *romaria*. Se há uma peregrinação religiosa, é porque há uma outra que não o é ou não precisa de ser, embora o termo esteja sempre carregado de religiosidade no senso comum. Em outras palavras, a *romaria* é sempre uma peregrinação religiosa, mas nem toda *peregrinação* é necessariamente uma *romaria*.

E é nessa ordem que o mesmo Morais interpreta *peregrinação*, no verbete com que a define. Na primeira entrada diz-se que esta é uma «viagem em países longínquos». E só na segunda – e última – é que vai ser definido o seu cunho religioso: «viagem em romaria a lugares santos e de devoção».

Como se pode ver, *romaria e peregrinação* podem até ser definidas uma pela outra, mas não são iguais. A sutileza que as separa faz esta incluir aquela e todas as outras semelhantes, tenham fundo religioso ou não, seja *caminho*, *carreira*, *via*, *jornada* e até mesmo *viagem*, com todos os seus aspectos técnicos.

A *peregrinação* é a viagem mais complexa e multifacetada de todas elas, porque soma nela mesma, curiosidade, técnica, religiosidade, capacidade de observar, de analisar, de comparar e de registrar o observado. Tudo isso envolvido num ardente desejo de confrontar prazerosamente o estranho. Por isso é que o século XVI precisou tanto dela, e tanto utilizou essa palavra.

É que nunca houve viagens tão complexas, audaciosas, multifacetadas e agradáveis aos olhos como aquelas daqueles tempos, como bem mostrou Fernão Mendes Pinto, um dos mais deslumbrados peregrinos de todos os tempos e responsável por uma das mais deslumbrantes de todas as peregrinações já escritas.

Não será seguramente mera coincidência o fato de ele ter chamado de *Peregrinação* ao mais complexo relato de viagem de todos os tempos da literatura portuguesa (e um dos mais complexos de todas as literaturas). E nem apenas porque *peregrinação* era o nome mais popular para designar uma longa viagem no século XVI. Muitas dessas longas viagens foram assim denominadas, mas com certeza nem todas o mereceram, seja pela linearidade da viagem seja pelo pouco interesse do viajante acerca da *estranheza da terra*, para repetir mais uma vez a bela formulação do castelhano do século XV.

Naturalmente, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto deve o seu nome ao seu tempo, mas deve-o muito mais à complexidade da narrativa que intitula, a qual organiza numa estrutura altamente sofisticada o mais variado e intrigante conjunto de interesses jamais reunidos num só viajante, sofregamente viajando no limite da vida com a morte por paragens ainda mais intrigantes e variadas, em busca de suas estranhezas.

É que Mendes Pinto faz parte de um grupo singular de homens, que se distingue do restante da Humanidade por (a palavra é apropriada) transitar em faixa própria de interesses. Como no caso do marinheiro Ismael, a personagem de Melville (1983: 28), que testemunha e depois narra a viagem obcecada do Capitão Ahab em busca da baleia branca, Mendes Pinto bem poderia ter dito de si mesmo que «para outros homens talvez essas coisas não sejam atrações; mas, quanto a mim, atormenta-me perene anseio das coisas distantes». Estaria dizendo a verdade mais verdadeira. Porque, ao encontrar-se com elas, com essas coisas distantes porque tanto anseia, ele se espanta, se admira e se esforça por apreendê-las em seu conjunto – sem necessariamente buscar compreendê-las. Pois tudo atrai seu olhar. Tudo o chama, seja bicho, coisa ou homem.

Só para efeito de ilustração, vejamos, nem tão rapidamente, dois exemplos:

Em todo este rio, que não era muyto largo, auia muyta quantidade de lagartos, aos quais com mais proprio nome puderia chamar serpentes, por serem alguns do tamanho de huma boa almadia, cõchados por cima do lombo, com as bocas de mais de dous palmos, & tão soltos & atreuidos no cometer, segundo aquy nos afirmaraõ os naturaes da terra, que muytas vezes arremetiaõ a huma almadia quando não leuaua mais que tres quatro negros, & açoçobrauõ co rabo, & hum & hum os comiaõ a todos, & sem

os espedaçarem os enguliaõ inteyros. Vimos aquy tambem huma muyto nova maneyra, & estranha feyção de bichos, a que os naturaes da terra chamaõ Caquesseitão, do tamanho de huma grande pata, muyto pretos, conchados pelas costas, com huma ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de huma penna de escrever, & com azas da feição das do morcego, co pescoço de cobra, & huma unha a modo de esporão de gallo na testa, co rabo muyto comprido pintado de verde & preto, como são os lagartos desta terra. Esses bichos de voo, a modo de salto, cação os bugios, & bichos por cima das aruores, dos quais se mantem. Vimos também aquy grande soma de cobras de capello, da grossura da coxa de hum homem, & tão peçonhentas em tanto extremo, que dizião os negros que se chegauão com a baba da boca a qualquer cousa viua, logo em prouiso cahia morta em terra, sem auer contrapeçonha, nem remedio algum que lhe aproueitasse. Vimos mais outras cobras que não são de capello, nem tão peçonhentas como estas, mas muyto mais compridas & grossas, & com as cabeças do tamanho de huma vitella, estas nos dizião elles, que caçavão tãbem de rapina no chão, por esta maneyra sobense encima das aruores siluestres, de que toda a terra he assaz pouoada, & com orelha por escuta pregada no chaõ, sentem com a calada da noite toda a cousa que bolle, & em prepassando o boy, o porco, o veado, ou qualquer outro animal, o ferraõ com a boca, & como ja tem feito presa co rabo lá encima no ramo, em nenhuma cousa pregaõ que a não tragão a si, de maneyra que cousa viua lhe não escapa. Vimos aquy tambem muyto grande quantidade de monos pardos & pretos, do tamanho de grãdes rafeiros, dos quais os negros tem muyto mayor medo que de todos estoutros animaes, porque cometem com tanto atreuimento, que ninguem lhe pode resistir. (Pp. 44-45)

Trata-se de uma de suas primeiras viagens após ter chegado a Malaca, quando, como ele diz, «so color de Embaixador» (44), viaja ao reino dos Batas a pedido de Pero de Faria, Capitão da Fortaleza daquela cidade e seu grande protetor.

Um aspecto importante a ser destacado é que essa visão obtida pelo narrador travestido de Embaixador se dá a partir da embarcação em que navega. É um movimento que a visão se constrói em todos os seus detalhes, apesar das dificuldades que isso implica.

Tal aspecto, em outros casos, justificaria uma visão incompleta ou parcial das coisas, dado que elas não se entremostam em todos os seus ângulos. Mas isso se daria só em outros casos, e não com quem gosta de ver. Para esse, esteja onde e como estiver, toda e qualquer atividade se reduz a observar o espetáculo do mundo em sua diversidade. Tanto mais difícil a situação, tanto mais empenho no flagrar as nuances do real e tanto mais prazer com o resultado. O que poderia ser um grande empecilho para um homem comum, é só mais uma perspectiva para o que gosta de ver.

E o que é que se vê? Vê-se uma diversidade tão radical que é necessário fazer verdadeiro malabarismo para torná-la verossímil para o leitor e, em grau menor, para ele próprio, pois essa diversidade do mundo é tão excessiva que quanto mais se olha mais inapreensível ela se torna.

O texto é sempre aberto por um *vimos*, que se desdobra em *vimos também* e *vimos mais* à medida que o elenco de animais esquisitos vai sendo apresentado.

Essa reiteração garante a presença do narrador ante o observado e, portanto, distingue o ato de ver do mero depoimento da testemunha. Esta sabe, mas o narrador viu. É, de uma parte, o que a sequência de *vimos* pretende marcar. De outra, ao decompor o real, ela faz com que o leitor veja por partes aquilo que foi originariamente visto num todo.

A sequência de *vimos*, entretanto, se organiza através do que se poderia chamar de uma curva de voluptuosidade ante o visto, cuja modulação é proporcional à esquisitice do animal observado. Começa a subir na descrição do lagarto, que merece observações quanto ao conchado das costas. No que se refere ao rabo pintado de preto e verde, a informação só virá *a posteriori*, por ocasião da descrição do caquesseitão, esse pássaro (?) que é uma espécie de síntese das extravagâncias zoológicas, superando talvez muitas das fantasias do europeu medieval, que temeu bichos de toda ordem, mas raramente um que fosse, por assim dizer, tão compósito.

No caso do lagarto gigante, que não é mais uma grande novidade para o imaginário europeu, a descrição é sumária. Mas o narrador não perde a oportunidade para enfatizar seu tamanho, o tamanho de sua boca, de maneira que se amplie a extremos sua grandeza e ferocidade, as quais ganham estatuto de veracidade com o testemunho do nativo, e põe aquele que gosta de ver ante riscos incalculáveis, pois, como sabe o leitor, é sempre incerta sua sorte.

A comparação com uma grande serpente, assim como a visão daqueles outros dois tipos de cobras, por outro lado, ativa não só a capacidade visual do leitor, mas faz com que este revolva medos ancestrais, num processo de re-atualização de imagens que o leva de volta às primeiras origens (bíblicas) do homem.

Ante tanta grandeza e tanta ferocidade, o narrador se assombra, não necessariamente por estabelecer uma correspondência entre seus medos e o real ora observado, mas por este exceder em tamanho e estranheza qualquer configuração que antes lhe tenha sido atribuída. É certo que já se podia ter idéia do que seria o lagarto, mas não do seu porte, que só a espantosa visão face a face pode fornecer. E o encanto desse espanto cobre o custo de qualquer risco, coisa a que nunca está disposto o leitor.

A ênfase sobre o conjunto de pormenores acerca da capacidade destrutiva do bicho reafirma, pois, o preço que há que se pagar pelo prazer desse encontro e marca, por isso, a distância entre o ver e o ler.

Processo diferente acontecerá por ocasião da descrição do pássaro estranho, ápice da curva de voluptuosidade ante esse real excessivo. Não é mais a ferocidade nem a grandeza do animal que fará o prazeroso espanto do narrador. De fato, de todos os animais descritos nesse bloco, o caquesseitão é o único que não ameaça o homem; que – pode-se concluir – não põe em risco a vida de quem gosta de ver. E é também o único a dispensar o testemunho do natural da terra,

embora desempenhe papel importante ao revelar o nome do bicho, o único a ter um nome específico dentre os animais vistos, aspecto, aliás, importante, como se verá mais à frente.

A atribuição do nome põe, todavia, um grande paradoxo: embora seja o único animal a ter um nome específico, é também o único a não ter especificidade². É que sua estranheza é tão radical que ele só pode ser apreendido enquanto composição. Tem-se o nome, mas não se tem a coisa, uma vez que esta não pode ser apreendida em sua estranheza. É preciso, pois, construí-la, o que demanda um processo minucioso de descrição. Não custa retomá-lo: o bicho é do tamanho de uma «grande pata», muito preto, «conchado pelas costas, com huma ordem de espinho pelo fio do lombo»; possui asas «da feição das do morcego» e «pescoço de cobra»; exhibe uma unha na testa como se fosse o esporão de um galo e tem um rabo «muyto comprido pintado de verde & preto». Se bem que possua nome, o bicho não se deixa ver; ou melhor, só se deixa ver *através de*. O resultado final é, mais que um bicho, um bicho-montagem.

Tanto pormenor só pode ser resultado de um longo, curioso e devotado olhar que minuciosamente esquadrinha o objeto novo em busca de sua especificidade e se compraz ante a descoberta de que o que o caracteriza é a ausência mesma dessa especificidade.

Não é mais o tamanho nem a ferocidade, aqueles atributos do lagarto que tanto o impressionaram, que fazem o espanto do narrador. Ele agora se maravilha ante a possibilidade de o real – segundo a vontade de Deus, é óbvio – poder juntar magicamente num todo o que antes só se poderia ver em separado. O real – é o que parece dizer seu afã descritivo – não é só espantoso na sua capacidade de produzir o diverso em quantidades infinitas, mas o é também na sua capacidade de fazê-lo qualitativamente, como se houvesse uma engenharia genética inerente ao seu processar-se.

Não se poderia explicar de outro modo a coincidência de o caquesseitão, exatamente o bicho mais estranho dentre aqueles observados, ser tão detalhadamente descrito. É que não há nem mesmo coincidência. A esse narrador interessa o estranho em toda a sua radicalidade; e quanto mais radical tanto mais fascinante, ainda que só seja possível acedê-lo por aproximação.

O outro exemplo que vou apresentar, dentre muitos possíveis, é o encontro de Mendes Pinto com os *Gigauhos*, os selvagens e gigantescos homens conhecidos do pirata Similau, a quem Antônio de Faria «rogou que trabalhasse todo o possível por lhe mostrar algum deles, porque lhe afirmava que o prezaria mais que se lhe desse todo o tisouro da China» (p. 207).

Como se pode notar, não é só Mendes Pinto o tocado pela febre de ver. Também em Antônio de Faria, o ato se põe como um imperativo, que faz adiar outros, até mesmo o de pôr as mãos em ouro, que esse é o objetivo da viagem: saquear um cemitério de monges. Redirecione-se a rota e mude-se o objetivo

imediatamente da viagem, eis o que quer, eis o que ordena o desejo de ver. Que se localize, pois, esse tesouro para os olhos:

E indo nós assi a vella & a remo ao lógo da terra, vendo a espessura das aruores, a rudeza das serranias, & do mato, & a multidão de monas, bogios, adibes, lobos, veados, porcos, & de outra muyta quantidade de animaes siluestres, que correndo & saltado tecião huns pelos outros & cõ hua grasnada tamanha que em muytas artes nos não ouuiamos com eles, com que tivemos um bom pedaço de passatempo, vimos vir por detras de huma ponta que a terra fazia, um moço sem barba com seis ou sete vacas diante de sy, como que as pastaua, & acenandolhe o Similau cõ huma toalha, o moço parou até que chegamos bem à borda da agoa onde elle estaua, & mostrandolhe hua peça de tafetã verde, a que disse que eraõ muyto inclinados, lhe perguntou por acenos se a queria comprar, a que elle chegandose bem a nós respondeo com huma falla muyto desentoada, quiteu paraõ fau fau, porem não se soube o que queria dizer, porque nenhum de quantos hião nas embarcações sabia falar nem entender aquella linguaagem. E somente por acenos trataua o Similau a mercancia do que lhe mostraua. E mandandolhe Antonio de Faria dar obra de tres ou quatro couados de tafetã da peça que lhe tinhaõ mostrado, & seis porcellanas, ele tomou tudo com muyto alvoroço, & disse, pur pacam pochy pilaca hunangue doreu, as quais palauras tambem se não entenderaõ, o moço se mostrou muyto contente co que lhe tinhaõ dado, & acenou com a mão para donde tinha vindo, & deixando ahy as vaccas se foy correndo para dentro do mato. Vinha este moço vestido de umas pelles de tigre com a felpa para fora, cos braços nũs, descalço, & sem cousa nenhuma na cabeça, & com hum pao toscos na mão. Era bem proporcionado nos membros, tinha o cabello muyto crespo, & ruyuo que lhe daua quasi pelos hombros, & seria de comprimento, segundo o que alguns disseram, de mais de dez palmos. Depois de passado pouco mais de hum quarto de hora, tornou a vir com hum veado viuuo ás costas, & em sua companhia treze pessoas, oito homens & cinco molheres, com tres vacas atadas por cordas, & bailando todos ao som de hum atabaque em que de quando em quando dauão cinco pancadas, & dando outras tantas palmadas com as mãos, dezião alto & muyto desentoado, cur cur hinau falem. [...] Todas estas pessoas assi machos como femeas vinhaõ vestidas de huma mesma maneyra, sem auer differença no trajo, somente as molheres traziaõ nos buchos dos braços humas grossas manilhas de estanho, & tinhaõ os cabelos muyto mais comprido que os homes, & cheyos de humas flores como de espadana, a que nesta terra chamam lirios, & ao pescoço traziaõ huma grande trãbolhada de conchas vermelhas do tamanho de cascas de ostras. E os homes traziaõ hun s paos grossos forrados até o meio das mesmas pelles de que vinhaõ vestidos, eraõ todos de gestos grosseyros, & robustos, tinhaõ os beiços grossos, os narizes baixos e aparrados, as ventãs grandes, & são algum tanto disformes na grandeza do corpo, mas não tâto como cã se cuyda deles, porque Antonio de Faria os mãdou medir, & nenhum achou que passasse de dez palmos & meyo, senão sò hum velho que era de onze escassos, & as molheres são de menos dez alguma cousa; mas todauia entendo que he gente muyto rustica & agreste & a mais fora de toda a razão que quantas ategora se tem descuberto, nem nas nossas conquistas, nem em outras nenhuma. Antonio de Faria lhes mãdou dar tres corjas de porcellanas, & huma peça de tafetã verde, & hum cesto de pimenta, & elles se arremessaraõ todos no chão, & cõ as mãos ambas leuantadas, & os punhos cerrados disseraõ, vumguahileu oponguapau lapaõ lapaõ lapaõ, das quais palauras se insirio que deuião de ser de agradecimento, segundo os meneyos cõ que as disseraõ, porque tres vezes se arremessaraõ

no chão. E dãoon os elles as tres vacas & o veado, & huma grãde soma de celcas, tornaraõ a dizer todos juntos cõ voz alta & desentoada outras muytas palauras a seu modo, que me não lembraõ, mas que tambem se não entederaõ; & depois de estarmos fallãdo por acenos cõ elles mais de tres horas, pasmados nõs de os vermos a elles, & elles de nos verem a nõs, se tornaraõ a meter no mato dôde tinhaõ vindo, huiuando ao som das cinco pancadas do atabaque, & saltando de quãdo em quãdo como que hião cõtentes co que leuauaõ. (Pp. 207-208)

A certeza do narrador de ser esta gente «a mais fora de toda a razão que quantas ategora se tem descuberto» poderia bem conduzir para a idéia daqueles seres híbridos de homens e bichos tão conhecidos do imaginário europeu e tão ardentemente desejados pelos viajantes que deles não se tinham ainda libertado completamente.

Contudo, no caso de Mendes Pinto, o que o deixa pasmado é sua radical, estranha e verossímil humanidade, a qual, em nenhum momento, é posta em dúvida, por mínima que seja. É de homem humano que se trata, e não de abusão, hibridismo ou encantamento, se bem que, remotamente, *gigauho* possa lembrar gigante.

Tais como os homens gigantescos encontrados por Fernão de Magalhães na Patagônia, os «selvagens» vistos por Mendes Pinto também são especiais por sua altura. Mas não têm enfatizada sua condição de gigantes, espécie de super-homens, como acontece na narrativa de Pigafetta (1990: 33), o «gentil-homem vicentino» que acompanhou fielmente Magalhães em sua malfadada viagem e sobreviveu para contar a história.

Após afirmar que o primeiro desses homens era tão alto que os espanhóis mal chegavam à sua cintura, Pigafetta (1990: 35) retoma o tema um pouco adiante para garantir que, dias depois de ter visto o primeiro gigante, descobriu um outro ainda mais alto. Tão alto que, ao dançar e saltar, o fazia «com tanta força que os pés se enterravam muitas polegadas na areia».

Bem ao contrário de Pigafetta, Mendes Pinto faz questão de se antecipar a futuros e presumíveis mal-entendidos. Assim é que depois de ter afirmado, a partir de depoimentos, que esse homem tinha mais de dez palmos de altura, volta ao assunto para dizer que, depois de vistos e medidos, nenhum deles ultrapassa aquela medida, com exceção de um velho, que, mesmo assim, não vai além dos onze palmos. A medida, portanto, os põe no terreno do propriamente humano, terreno que, como se vê, não sofre qualquer ameaça de extrapolação.

Mas, se não extrapolam, eles representam um estágio anterior da humanidade, quando o humano apenas levemente se distinguia do animalesco. De fato, embora saiba tratar-se de gente todo o tempo, o narrador por vezes parece anular tal distinção. E isso se manifesta principalmente na relação com a linguagem, aspecto que chama sua atenção de modo muito mais intenso que a altura.

Usualmente sem problemas com as linguagens dos homens que encontra – e que não são poucas –, como se fosse o mais hábil de todos os políglotas, o narrador se vê nesse caso diante de uma barreira praticamente intransponível, como se estivesse diante de uma linguagem absolutamente nova. Ou melhor, para dizer de modo mais preciso, como se estivesse diante de uma pré-linguagem, que é isso que ele supõe ser.

Com efeito, segundo o narrador, a linguagem desses homens sofre de uma limitação inerente a ela própria: é «desentoadada», aspecto que ele faz questão de marcar pelo menos por três vezes, como se pode acompanhar ao longo da citação. E para um ouvido privilegiado, como é o desse narrador, que capta cadeias sonoras das línguas mais diversas como se fosse da sua própria, «desentoadado» é palavra de significado importante, pois marca a distância entre aqueles falantes (?) e os outros de línguas entoadas, vale dizer, a distância entre homens completos e homens por se completar.

Mas o julgamento linguístico levado a cabo pelo narrador não para aí. O desentoadado assume outra dimensão. Quando esses homens estranhos retornam aos matos de onde surgiram, já não falam, nem mesmo desentoadadamente, mas vão «huivando» ao ritmo de «cinco pancadas do atabaque», aos saltos, de maneira desengonçada.

A já tênue fronteira que separava aquele homens do animalesco – a linguagem desentoadada, mas enfim linguagem – é rompida e sua feição de animal prevalece. Animal pré-linguístico, bem entendido, pois que, como se disse, em nenhum momento o narrador lhes retira a condição de humanidade. O que os separa não é a ausência de humanidade em um e sua presença em outro, mas a distância na mesma escala de humanidade, no meio da qual se encontra, a dividi-los, a linguagem entoada.

É, portanto, como seres humanos que esses homens são vistos. Se não há hibridismo, encantamento ou abusão, o deslumbramento do narrador não é menor por causa da verossimilhança que os caracteriza. Pode-se mesmo dizer que ele é maior exatamente por causa disso, porque é como gente – e só como gente – que eles o interessam. Afinal, não cabe a todo mundo o privilégio de encontrar o (mais antigo de todos) espelho vivo de si mesmo e, ao olhar-se nele, reconhecer-se ao mesmo tempo próximo e distante daquilo que vê.

Não é por outra razão que a sensação de pasmo é recíproca. Ao se verem, esses homens completos e incompletos vêem outros e vêem-se a si mesmos como são, como foram e como serão. É como se o elo perdido tivesse de repente sido encontrado e uma totalidade voltasse a ser recomposta. Não poderia haver melhor situação para se demonstrar a alteridade em funcionamento. O pasmo ocupa o lugar das faculdades interpretativas e, por um momento, põe-se ele mesmo como o sentido da descoberta recíproca.

É na busca do prazer dessa experiência única que deve ser entendida a disposição de Antônio de Faria e de seus comparsas de pirataria para encontrar

esses homens estranhos, tão estranhos que a eles nada nem ninguém pode ser comparado, pois como diz o narrador, é a «gente mais fora de toda a razão que quantas ategora se tem descoberto, nem nas nossas conquistas, nem em outras nenhuma».

Portanto, a troca do ouro por tal visão vale bem a pena, pois se está diante dum momento da humanidade que já se supunha perdido em definitivo, no qual a linguagem não havia ainda perdido a inocência, o que acontecerá com os – mantenha-se a nomenclatura de Mendes Pinto – «tons» que ganhará mais tarde.

É, pois, no mundo real – e na sua diversidade – que se encontra o fascínio que tanto seduz o narrador. E não fora dele. Aliás, são tantas as atrações que umas se superpõem às outras, fazendo com que o homem que gosta de ver não tenha sequer tempo de pensar em encantamentos ou quejandos, pois que está sempre ocupado em deleitar-se com as infinitas possibilidades do mundo real.

Dizia Proust, aquele viajante de viagens interiores, que «a verdadeira viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos».

Assim era Mendes Pinto, o peregrino ávido de terras estranhas: só de novos olhares feito.

Resumo: A viagem, toda e qualquer viagem, imaginária ou real, é o preenchimento de uma lacuna. Daquilo que falta ver, daquilo que falta saber, daquilo que falta possuir – sejam paisagens, bens simbólicos ou materiais. O pau-brasil, as neves do Kilimanjaro ou as relações de parentesco entre os Pataxó, qualquer coisa é lucro. E são muitos os nomes que recobrem essa busca, dentre eles: *caminho, carreira, via, jornada, itinerário, romaria, peregrinação*, cada um deles, naturalmente, recortando fatias especiais de significado, a depender da especificidade do deslocamento. Um passeio por esses termos, com vistas a mostrar a dimensão da lacuna neles embutida, e de como isso se resolve em dois exemplos, é o objetivo do artigo.

Palavras-chaves: Literatura de viagens. Alteridade. Identidade.

Abstract: *Traveling of any kind, either real or imaginary, means the fulfillment of a lacuna related to something failed to be seen, known, possessed – that is to say landscapes, symbolic or material assets. Brazil-wood, the snow of Kilimanjaro or relative kinship among Pataxó, anything is a benefit. And many are the names to establish the search for: way, path, via, journey, itinerary, pilgrimage, peregrination, each one cutting special slices of meaning, depending on the kind of displacement. The aim of this essay is an approach on theses terms to show the dimension of the lacuna inside them and the way it is solved making use of two samples.*

Keywords: *Travel literature. Otherness. Identity.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- GODINHO, Vitorino Magalhães. *Mito e Mercadoria, Utopia e Prática de Navegar – séculos XIII/XVIII*. Lisboa: Difel, 1990.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
- MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MORAIS SILVA, António de. *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1961.
- PIGAFETTA, Antonio. «Navegação e descobrimento da Índia Superior feito por mim, gentil-homem vicentino e cavaleiro de Rodes». In: ÁGUAS NEVES (org.). *Fernão de Magalhães – A Primeira Viagem à Volta do Mundo Contada pelos Que Nelas Participaram*. Lisboa: Europa-América, 1990.
- PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

¹ Gomes Eanes de Zurara, sucessor de Fernão Lopes no cargo de cronista oficial da corte portuguesa, foi testemunha dos primórdios da expansão portuguesa e é seu primeiro cronista. Sua *Cronica dos feitos de Guiné*, que é também o panegírico do Infante D. Henrique, estava pronta em 1453. «Solurgião mor que foi da Índia», Mestre Afonso ou Martin Afonso escreveu um Itinerário no qual descreve a viagem que fez de Ormuz a Lisboa, entre Junho de 1565 e agosto de 1566. Entretanto o manuscrito haveria que esperar quase trezentos anos para vir a público, pois que sua primeira edição é de 1845.

² Se bem não tenha esse nome, como se verá adiante, o animal visto por Mendes Pinto é um morcego gigante que habita as florestas tropicais da Malásia, Indonésia e Austrália, popularmente conhecido pelo nome de raposa voadora pelos ingleses.